

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de História

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

O OLHAR ESTRANGEIRO E A CIDADE DO

RIO DE JANEIRO EM 1920

ANDRÉA NOBRE PEIXOTO DO VALE

Professor Orientador : LUÍS REZNIK

Rio de Janeiro, Junho de 2004

ANDRÉA NOBRE PEIXOTO DO VALE

O OLHAR ESTRANGEIRO E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

EM 1920

Monografia apresentada ao Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica, como requisito para a conclusão do curso de graduação em História.

Orientador: Professor Luís Reznik

Rio de Janeiro

Junho de 2004

À minha mãe e à minha avó, por todo o carinho,
compreensão e força demonstrados durante o tempo em
que me dediquei a este sonho.

Agradeço a meu professor orientador, por acreditar no meu projeto, o que permitiu que esta monografia se concretizasse.

“ Mas então que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão impetuoso que parece apostar na eletricidade...”

Machado de Assis

“ A noite cai e o Rio é uma deusa adornada com jóias, em um trono de veludo púrpura.”

Harriet Chalmers Adams

SUMÁRIO

Apresentação.....	8
Introdução.....	11
Capítulo 1. A Imagem da Cidade.....	12
1.1 O ponto de partida: A Revista <i>The National Geographic Magazine</i> e o olhar de Harriet Chalmers Adams.....	13
1.2 As Narrativas de Viagem.....	22
1.3 Os Guias Turísticos.....	24
1.4 A Questão da Capitalidade: A Metáfora do País.....	26
1.5 Periodização Sucinta do turismo no Rio de Janeiro.....	28
Capítulo 2. A Atração Exercida pela Natureza Exuberante da Cidade.....	31
2.1 A Questão da Inversão dos Mapas.....	32
2.2 Principais Atrativos: o Corcovado e o Pão de Açúcar.....	33
Capítulo 3. O Povo Carioca.....	36
Considerações Finais.....	42
Referências bibliográficas.....	43
Anexos.....	45

APRESENTAÇÃO

Os primeiros passos

Em 1983, tive a oportunidade de dar os primeiros passos profissionais como guia de turismo receptivo na cidade do Rio de Janeiro, além de ingressar, na mesma época, no curso de História desta Universidade. Cursei por três anos a faculdade; após, em razão do enorme crescimento do turismo interno – que vinha se expandindo bastante –, tive de me afastar dos bancos acadêmicos. Mas o sonho não deixou de existir e, mais tarde, retornei para a conclusão de meu curso, o que ora faço.

A década de 80 ficou marcada pelo apogeu das viagens turísticas organizadas para grupos. O Rio de Janeiro, logicamente, inseria-se nesse contexto. Durante a década de 90, porém, o turismo interno esteve sujeito a problemas de segurança e apresentou uma decaída. Em contrapartida, o turismo de massa no Brasil se deslocou, dando espaço ao turismo de viagens ao exterior, que foi beneficiado pela paridade cambial do dólar.

Nessa época, teve início meu interesse por publicações descritivas sobre as cidades, com informações indispensáveis a uma guia de turismo. Viajando como *tour conductor* e liderando grupos de brasileiros pelo mundo afora, só podia driblar minha falta de experiência contando com a ajuda dos guias turísticos. No princípio, buscava a história condensada do local a ser visitado e informações úteis. Com o passar do tempo, percebi que tais guias procuravam dar uma visão mais ampla da sociedade a ser visitada, divulgando suas características e criando uma imagem a ser difundida para os demais locais. Atualmente, os guias turísticos têm por objetivo dar informações que facilitem a vida do visitante e sua entrada, com a menor perda de tempo possível, no novo universo a ser conhecido.

Em 2000, voltei ao turismo receptivo no Rio de Janeiro. Nessa época, tive um passageiro inglês que, encantado com a beleza da cidade, contava-me, entre deslumbramentos, que estava realizando um sonho de juventude. Na verdade, este homem havia comprado, em um sebo na Califórnia, um exemplar da revista *The National Geographic Magazine*,¹ sobre o Rio de Janeiro de 1920.² Assim, durante anos, sonhou em conhecer a cidade, o que só pôde realizar após a aposentadoria.

Ao retornar a seu país, o tal passageiro enviou-me uma cópia de seu exemplar, junto com as fotos de nossa excursão à Floresta da Tijuca. A partir de então, passei a me interessar por informações sobre o Rio de Janeiro daquela época.

A primeira publicação do século XX com que tive contato data de 1915. Organizada especialmente para estrangeiros, esta publicação – na verdade, um guia – foi impressa na Suíça e traduzida em quatro idiomas. Trata-se do *Guia Prático – Rio de Janeiro. Central Monumental*.³ Outros guias foram publicados nos anos seguintes, em forma de catálogo, mas somente a partir da década de 30, com o desenvolvimento do turismo, é que houve incentivo a esse tipo de literatura sobre nossa cidade, com as mais diversas interpretações.

Em relação à revista enviada pelo turista, esta contém matéria jornalística sobre o Rio de Janeiro em 1920 e foi publicada para um leitor-alvo, particularmente o norte-americano, interessado em lugares distantes e diferentes. A reportagem sobre o Rio contém quarenta páginas, sendo treze escritas em inglês e o restante com fotos – muitas das quais tiradas pela própria autora.

¹ "Rio de Janeiro, In The Land of Lure". *The National Geographic Magazine*, Washington, setembro de 1920, v. XXXVIII, nº 3.

² O artigo em questão, que trata do Rio de Janeiro em 1920, foi escrito por uma visitante de nossa cidade, Harriet Chalmers Adams, e se intitula "Rio de Janeiro, In the Land of Lure" ("Rio de Janeiro, na terra da sedução" – Tradução livre).

³ *Rio de Janeiro – Central Monumental*, org. por Carlos Aenishänslin. Registrado por Art. Grav. A. TRÜB & Cia, AARAU, 1915.

O artigo é convidativo, prazeroso de ler, além de nos remeter a um lugar pitoresco e exótico.⁴ Ao longo da narrativa, a autora deixa registrado seu apreço pela cidade, estimula a curiosidade e, ao mesmo tempo, dá informações sobre algumas peculiaridades do lugar. O texto envolve o leitor em uma narrativa pessoal e funciona como um guia, indicando lugares, passeios, reforçando os aspectos marcantes de nossa cultura e história. Como a publicação não tinha a intenção de se constituir em guia para viajantes, não contém informações sobre preços, endereços ou mesmo hotelaria.

E, assim, a partir desse texto maravilhoso, associado à minha atuação profissional na área do Turismo, tive a atenção despertada para o exame mais minucioso do início da trajetória turística de nossa cidade, nos primórdios do século XX.

⁴ Segundo Celso Castro ("A Natureza Turística do Rio de Janeiro", p. 121), àquela época as narrativas literárias e os relatos de viagem que focalizavam a cidade eram marcados pelo exotismo, ou seja, por tudo que era diferente, distante e desconhecido. Deve-se levar em conta também que, como todo olhar sobre o exótico, o ponto de vista era superior.

INTRODUÇÃO

Olhando para o “olhar estrangeiro”

Esta monografia parte de uma publicação específica, um artigo de revista, que procura dar informações sobre o Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Procurei utilizar o artigo da supracitada revista como fio-condutor, iluminando os pontos que interessaram ao leitor/viajante da época e pensando como isso foi utilizado na afirmação da imagem do Rio de Janeiro. Merece registro que, em 1920, no Rio de Janeiro, não havia o que se pode chamar de *turismo* como atividade, e o viajante, em visita, não se enquadrava como o turista tal qual é conhecido na atualidade. Por isso, tais publicações voltadas ao visitante estrangeiro chamaram minha atenção.

Meu objetivo é observar a construção da imagem da cidade do Rio de Janeiro pelo estrangeiro. E quem é esse estrangeiro? Para Anlene de Souza,⁵ é “alguém que possuiaria a distância necessária para ver os outros, um intervalo que o descola da realidade e permite relativizá-la”. As publicações procuram revelar o imaginário sobre a cidade, através das permanências, dos locais de atração ao visitante e da afirmação do carioca. Na verdade, a imagem vai sendo construída enquanto a própria cidade passa por transformações estruturais em seu crescimento.

Em verdade, o que atraiu minha atenção é o olhar do estrangeiro. Aspectos significativos possibilitam o entendimento das narrativas de “escritores-viajantes”, que falaram de situações e lugares vistos e vividos, buscando, assim, algo que caracterizasse o país, a cidade, o povo e a cultura visitada. Anlene de Souza nos

⁵ Anlene de Souza, na dissertação de mestrado “O Estrangeiro e a Cidade”, aprofunda os estudos sobre o estrangeiro, entre os anos de 1910 e 1940, na cidade do Rio de Janeiro.

diz: " Por vezes, o caminho que o estrangeiro percorre na cidade é uma tentativa de entendê-la ou de abarcá-la" .⁶

O método utilizado nesta pesquisa foi a condução do diálogo entre vários autores que se interessam pela imagem e identidade da cidade do Rio de Janeiro.

A imagem da cidade no início do século XX, representadas em textos ou em "guias", se estabelece através da seleção dessas imagens que somam ou subtraem aspectos da cultura , ressaltando características que se repetem e criam permanências que atraem ao visitante.

A autora do texto, constrói a sua própria imagem sobre a cidade dialogando com residentes estrangeiros, turistas de passagem, além de informações obtidas anteriormente (já estive na cidade antes). Ilustra e exemplifica com aspectos históricos representados por toda cidade.

O primeiro capítulo pretende traçar a imagem da cidade, abordando a revista que serviu de ponto de partida a estas reflexões, a questão da capitalidade e as narrativas de viagem.

No segundo, destaca-se a natureza exuberante da cidade, a questão da " inversão dos mapas" e os pontos de atração que se tornaram marcos: o Corcovado e o Pão de Açúcar.

O terceiro e último capítulo discorre acerca do carioca, sujeito do Rio de Janeiro que vai dar personalidade à cidade.

Nas conclusões, traça-se um paralelo entre a imagem da cidade em 1920 e a construção da imagem turística atual. Suponho que a revista, com seu artigo sobre o Rio, tenha criado uma imagem positiva e marcante, capaz de fazer com que um turista inglês esperasse anos para conhecer a Cidade Maravilhosa.

⁶ Idem, p. 45.

CAPÍTULO 1

As Imagens da Cidade

Após manter contato com a revista de Harriet Chalmers Adams, partimos em busca de material que nos elucidasse que imagem o estrangeiro/visitante tinha sobre nossa cidade naquela época. Ora, temos idéia do que esse estrangeiro pensa hoje, o que lhe atrai no presente. Mas, no passado, como isso se dava? Assim, empreendemos uma viagem no tempo, buscando traçar um pouco dessa história e registrá-la nessas poucas linhas.

Nas primeiras décadas do século XX, as viagens em navios para o Rio de Janeiro eram longas, em função de sua distância da Europa – este continente, sim, o grande centro de atração de pessoas. Tal quadro só vai sofrer alteração durante a década de 30, com o advento da aviação comercial encurtando as distâncias e imprimindo o caráter turístico que se conhece hoje. A primeira companhia aérea nacional foi implantada em 1927, com linhas regulares entre o Brasil e o Hemisfério Norte.

Dessa forma, não podemos dizer que o afluxo ao nosso país fosse grande; havia um longo caminho a ser percorrido, que demandava muito tempo de viagem. Mas havia aqueles que visitavam nosso país – e aqui queremos dar relevo à nossa cidade – por motivos variados e que não podiam deixar de se encantar com as belezas que aqui encontravam, cujas impressões, muitas vezes, deixavam registradas em narrativas.

Segundo Celso Castro,⁷ podemos dizer que foi nas primeiras décadas do século XX que o turismo organizado deu seus primeiros passos, com particular relevância à cidade do Rio de Janeiro, com o surgimento dos primeiros guias turísticos, hotéis destinados aos viajantes, agências de viagem que visavam à

⁷ Celso Castro, “Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro”.

recepção turística etc. Nesse momento a infra-estrutura turística começava a se desenvolver e nossa cidade se tornava o lugar turístico brasileiro por excelência.

Entende-se que seu reconhecimento como *local turístico* é uma construção cultural, a qual perpassa algumas seleções: alguns elementos se sobressaem, enquanto outros permanecem *escondidos*. Segundo Celso Castro, a construção cultural “envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada”.⁸

Uma das maneiras pelas quais podemos conhecer o processo dessa construção é o exame das narrativas de viagem e dos chamados guias turísticos, que apresentaremos adiante.

1.1. O ponto de partida: A Revista The National Geographic Magazine e o olhar de Harriet Chalmers Adams⁹

“Um ótimo lugar para se passar às férias!”. Assim Harriet Adams expressa seu apreço pela cidade ao longo da narrativa, estimulando a curiosidade e informando o leitor, interessado em lugares diferentes, exóticos. O texto é voltado para o leitor norte-americano – que, a princípio, desconhece o lugar – e funciona como um “guia turístico”, indicando lugares, passeios, reforçando os aspectos marcantes de nossa cultura e história.

A reportagem procura dar uma visão geral da cidade, ou melhor, do Brasil, pois aqui se encontram vestígios da história da capital federal que se misturam com o dia-a-dia da comunidade.

De início, o texto nos remete ao centro da cidade do Rio de Janeiro, próximo ao aqueduto, local com referências históricas, perto da Floresta da Tijuca. Segue-se uma descrição de um local no meio da mata, em algum morro com vista para o aqueduto de pedra. O encontro se dá entre a autora e um senhor de quase

⁸ Idem, p. 81.

⁹ Todas as transcrições aqui encontradas decorreram de tradução livre da autora.

80 anos, descendente de belgas, que vive, desde menino, da caça de borboletas na floresta, e tem como palco um ateliê onde são feitos os *souvenirs* com as borboletas. Assim, Harriet descreve o processo de manufatura desses “tesouros”. Isto ilustra como, desde aquela época, o ato de representar o Rio de Janeiro a partir de materiais naturais oriundos geralmente não do espaço urbano retratado, mas das matas, reforça a imagem da natureza exuberante.

Assim, desde aquela época, tem-se o costume de produzir objetos a partir de matérias-primas características do país – tais como madeiras tropicais, minérios e cristais, asas de borboleta – e que visam a cumprir a função de *souvenir* ou lembranças da terra. Pequenas relíquias da natureza, a partir das quais se difunde pelo mundo uma noção palpável do que seria o Brasil.

Rafael Denis, oitenta anos depois, retoma o assunto da seguinte forma:

Ninguém pode ficar indiferente diante da exuberância colorida da verdadeira pletora de objetos feitos a partir da aplicação de asas de borboleta. Além de broches, pingentes e caixas, merecem destaque as inúmeras bandejas em madeira produzidas principalmente entre as décadas de 20 e 60, algumas ostentando ainda o uso da marchetaria e outros metais pouco comuns. [...] Vistos um a um, é difícil não se deslumbrar com o esplendor da própria matéria-prima e, por extensão, com a riqueza natural e – por que não dizer? – com o exotismo, de um país em que borboletas azuis são aparentemente *tão abundantes quanto moscas, formigas e outros insetos menos glamurosos* [...].¹⁰

Por meio desses *souvenirs*, portanto, temos a imagem de nosso país representada – e reforçada – no exterior. Denis complementa:

Os aspectos do Rio que surgem nessas bandejas e caixas só podem ser descritos como genéricos, esvaziados de especificidade e detalhe ao ponto de se tornarem esteriótipos, simbolizando mais do que indicando o lugar retratado. Nesse sentido, cumprem uma função de selo de identificação da origem dos materiais exóticos que constituem a matéria-prima do objeto. A presença de um Pão de Açúcar ou de um Corcovado parece afirmar, caso

¹⁰ Rafael Denis, “O Rio de Janeiro que se vê e que se tem: encontro da imagem com a matéria”, *A paisagem carioca*, p. 89.

exista alguma dúvida, que essas lascas de madeira e asas de borboleta são originárias do Brasil, cujo emblema maior, cuja assinatura, são as duas rochas citadas. Assim nesses objetos, a natureza como símbolo se funde na natureza como matéria, afirmando duplamente o Brasil como país " gigante pela própria natureza (grifos nossos).¹¹

Alguns subtítulos imprimem ao texto o caráter exótico atribuído à cidade: "O Rio é tão variado quanto uma borboleta tropical", "Uma cidade de jardins coloridos", "Uma cidade de vistas fascinantes" etc. As palavras parecem insuficientes para atestar tamanho encantamento diante da natureza de nossa cidade...

Diz a autora: "Como as belíssimas borboletas variadas e supercoloridas, assim é a metrópole do Brasil". O Rio de Janeiro é representado pela diversidade e descrito de forma colorida, alegre e totalmente integrada à natureza. Acrescenta Harriet que,

no esplendor da coloração e do cenário, a cidade favorita do Sul *não tem concorrentes ao redor do mundo*. Aqui o pico de granito e o mar turquesa, a floresta tropical e uma cidade pintada como um arco-íris, encontram e harmonizam-se. Esta cidade de atraentes terraços no alto, voltados para a Baía da Guanabara e circundados por montanhas. Vindos do litoral, parques e boulevards se aglomeram entre estreitas ruas do velho Rio, limitado pela mata que sobe a encosta dos morros. As ladeiras são parte agradável da cidade (grifos ora apostos).¹²

As descrições dos locais são intercaladas por referências à natureza e como esta influencia a cidade e a população, utilizando recursos para aproximar o leitor do narrador. As pessoas e os lugares descritos parecem fazer parte da cidade, como se fossem monumentos. Sugere-se ao leitor que coloque sua própria mão esticada sobre a mesa, a fim de compreender a geografia da cidade: "Cada dedo representa um dos morros do Rio; cada espaço entre eles, o vale por onde a cidade sobe".¹³

¹¹ Idem, p. 92.

¹² Idem, p. 170.

¹³ Idem, p. 173.

Sobre os jardins do Rio de Janeiro, Harriet atesta: “Espanha é o país dos quadros (a óleo), Portugal, dos jardins. No Brasil, várias coisas persistiram além da língua-mãe. De fato, os jardins são coloridos no Rio”.¹⁴ Valoriza os jardins que contornam as propriedades e os diversos tipos de árvores presentes: “palmeira imperial, jaqueira, mangueira, pinheiro de Araucária são tipos nobres de árvores, estranhas aos morros do Rio, que remetem à época de D. Pedro, ou talvez à época de seu pai, D. João VI”. Acrescenta que,

nos antigos jardins, existem outras marcas do passado além das veneráveis árvores, paredes revestidas de azulejos holandeses (azul e branco), provenientes do período em que a Holanda invadiu a costa do nordeste no século XVII. Em algumas residências, o portão de entrada é decorado com grandes porcelanas em forma de abacaxi, em azul ou amarelo, importados de Portugal há mais de cem anos.¹⁵

Para o leitor, apesar de narrar a história do Brasil desde seu descobrimento, a impressão que resta é a de que esta se inicia em 1808, “quando a realeza portuguesa foge do despotismo napoleônico na Europa para se instalar no Brasil. No ano seguinte, o príncipe regente, D. João VI, importou a palmeira real das Antilhas, e a plantou no jardim botânico do Rio. Onde a palmeira ainda está erguida”. Seguem-se depoimentos do tipo: “Brasil mergulhou em um novo ciclo em 1808, quando a realeza portuguesa veio de Lisboa e instalou a corte no Rio de Janeiro [...]”.

Interessante notar que Harriet se refere à arquitetura das casas do centro da cidade como “decorada demais”. A metáfora que utiliza para se referir à nossa cidade é:

O Rio de Janeiro é como uma adorável mulher, que só precisa de um pouco de embelezamento. Aqui, os edifícios com linhas simples são os melhores. Entretanto, todas as casas são compensadas com uma infinidade de cores

¹⁴ Idem, p. 170.

¹⁵ Idem, p. 171.

variadas, na qual combinam a 'terra-cotta' do solo com a esmeralda da folhagem, criando um dos aspectos mais característicos da cidade (grifos ora apostos).¹⁶

"Borboletas e pássaros alegram todos os jardins, mas é em Santa Teresa que há uma enorme concentração destes", declara Harriet. O bairro de Santa Teresa é considerado privilegiado na cidade, onde chama a atenção à quantidade de pássaros. A proximidade com a floresta permite maior diversidade e, entre as diversas espécies, o sabiá é descrito como o mais admirado por poetas brasileiros, em razão de seu canto.

Sobre as mulheres, observa que, apesar de serem "atualmente mais livres que suas irmãs da província, mesmo assim são em número menor nas ruas, se comparadas com as norte-americanas. Em geral, são excelentes donas de casa".¹⁷

A respeito da abolição recente da escravatura, Harriet percebe que

Dona Isabel, filha do imperador, está altamente associada ao declínio do reinado. Enquanto princesa regente, durante a viagem de seu pai à Europa, por motivos médicos, ela assinou um decreto decisivo nunca feito antes no país. Eu vi o documento original na Galeria dos Arquivos e a caneta, cravada em diamantes e esmeraldas, com a qual a princesa assinou o decreto no dia 13 de maio de 1888.¹⁸

Registrou, ainda, que um dos reflexos dessa situação é a presença de várias pessoas vendendo coisas nas ruas:

Os vendedores de rua são em grande número e variados, batendo palmas no portão do jardim para atrair à clientela [...]. A maneira de carregar carga pesada na cabeça entre as classes trabalhadoras é devido a antigos hábitos sobreviventes do passado escravo. Possuem licença em uma bolsa e são conhecidos por usar tamancos de madeira, que ao caminhar fazem 'clap-clap' e pode ser ouvido por toda cidade. Misturado a tudo isso, pelas ruas se arrastam inumeráveis carroças puxadas por mulas e vendedores de bolos e doces que transportam com cuidado em uma caixa com rodas. Estes últimos seriam populares devido ao apreço dos brasileiros por doces.¹⁹

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Idem, p. 201.

¹⁹ Ibidem.

O texto também sugere que o interesse histórico está ao alcance das mãos: basta conhecer a cidade para poder reconhecer seus registros históricos, ou seja, "A história está lá para aqueles que procuram". Assim, a história do Brasil se confunde com a história da cidade.

Harriet também relata parte da história do nome de nossa cidade: "Martim Affonso de Souza, que estava no seu caminho para o sul, para fundar a cidade de S. Vicente, em 1531, quando, de passagem pelo Rio, acreditou que a entrada da baía fosse a embocadura de um grande rio e a denominou Rio de Janeiro. Hoje os brasileiros da capital se denominam fluminenses".²⁰ Ou ainda que

nós podemos retratar esse pequeno vilarejo – a rude capela, cabanas de telhado de sapé em um pequena península que se encontra na base da grande rocha conhecida como Pão de Açúcar. Uma praia de um lado da península virada para o mar, e do outro lado virado para a baía. O vilarejo se chamou São Sebastião em homenagem ao rei português, o nome se apegou à cidade durante o século XIX. Partindo daí é que Estácio de Sá saiu em direção a uma batalha final e vitoriosa com os franceses e seus aliados índios, mas no combate foi ferido mortalmente.²¹

Harriet observa que o povoado se deslocou da baía para o topo do Morro do Castelo e que esteve, na Igreja de São Sebastião (o mais velho edifício da cidade), ao lado da tumba de Estácio de Sá (fundador da cidade). Reproduz a conversa que teve com um monge capuchinho sobre a demolição do morro para dar lugar à cidade, então em expansão. O monge acrescenta que, com a destruição da velha igreja, a tumba será removida para a catedral. Sobre isso, reflete: "É uma pena que vão botar abaixo a velha igreja, mas é melhor para a saúde pública que os morros em frente ao litoral sejam retirados". A demolição se justificava pela ocupação desordenada e sem controle sanitário. Nesse momento, vista do alto, iguala a Avenida Rio Branco, no centro da cidade, com a Quinta Avenida, em Nova Iorque: "É surpreendente que, aos pés desse morro, passa uma via pública

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

de intenso comércio, só comparável com a 5ª Avenida, em NY".²² Sobre a avenida, ainda declara que tem

mais de um quilômetro e meio de comprimento e é tão larga que contém dois diferentes boulevards separados por uma fila de árvores com sombra, é atropelados dia e noite por carros. Os motoristas aqui se mantêm à direita, como em Buenos Aires. Os pedestres também devem manter a direita e, se você esquecerem, um policial virá educadamente lembrar.

Destaca a autora que, além da Av. Rio Branco,

Rua do Ouvidor e Rua Gonçalves são únicas. As ruas são extremamente estreitas, com calçadas minúsculas; mas, como não é permitida a circulação de carros, os pedestres andam pela rua. Em tantas outras ruas, igualmente estreitas, somente o sentido único do tráfego é permitido. Mas, mesmo assim, aqui os pedestres têm dificuldades em esquivar-se ao encontro com os automóveis, bondes e mascates com carroças.²³

A história da fundação da cidade, o Pão de Açúcar, o Morro do Castelo são o cenário para o surgimento do sujeito que vai dar vida à cidade. O carioca já é reconhecido no texto, dando a idéia de ser característico do lugar, mas, durante a reportagem, a intenção é mostrar outros valores – outros objetos de atração – além desse personagem.

A indagação seguinte é formulada por Harriet ao leitor e a resposta vem envolvida em deslumbramento com a beleza, com a intenção de seduzi-lo:

Pode existir outra cidade que ofereça tamanho encantamento visual comparada com o que se vê do alto das montanhas do Rio? Apesar de ter viajado para longe, eu ainda não encontrei. Voltando-nos para a baía protegida, olhamos para baixo, por entre os galhos que formam uma moldura, com as copas das árvores que encobrem a mata virgem.²⁴

²² Idem, p. 175.

²³ Idem, p. 205.

²⁴ Idem, p. 191.

E prossegue, entre pássaros, borboletas, orquídeas, begônias, samambaias..., tudo a envolver o leitor na descrição da natureza exuberante:

Lá embaixo, em meio ao verde, vislumbra-se a cidade caleidoscópica, com suas praias crescentes. As praias têm nomes melódicos como: Formosa, Santa Luzia, Lapa, Glória, Flamingo, Botafogo, Vermelha! A baía é um anfiteatro nas montanhas que brilha como uma safira.²⁵

A autora retoma o tema da flora brasileira, transportando o leitor para o mundo exótico tropical. Descreve as árvores de sua preferência e se aproxima do leitor perguntando: "As árvores falam com você?". Em seguida, responde afirmativamente.

Sobre a população de nossa cidade, Harriet conta que

excede a 1 milhão. Entre os estrangeiros, existem 154 mil portugueses, 30 mil italianos, 24 mil espanhóis, 4 mil franceses, 3 mil e quinhentos turcos, sírios e árabes, 3 mil alemãs, 2 mil ingleses, 1 mil e quinhentos hispano-americanos, 1 mil e quinhentos americanos e 600 asiáticos. Os alemães estão chegando em grande número em navios holandeses, mas a maioria está resolvida a ir para os estados do sul do Brasil.

Sobre a modernidade em nossa cidade, descreve os bondes e o cinema:

Em nenhuma outra cidade que visitei, o passeio de bonde pode ser tão agradável. A companhia canadense, conhecida localmente como 'Light', abastece de energia elétrica e opera um elaborado sistema de bondes. [...] Para cada parte da cidade, para as montanhas, praias oceânicas, subúrbio distante, esses bondes te levam com conforto. Os vagões abertos são largos e de construção sólida. Aglomeração não é permitida; todos devem sentar. Nos três primeiros bancos é permitido para fumantes. O preço do bilhete varia com a distância, cem réis por cada seção (quase 3 centavos americanos). Tem muito pouca ou nenhuma sujeira no Rio, o que acrescenta em muito o passeio. É nos cinemas que os cariocas conhecem o verdadeiro conforto. Diferente das nossas salas de exibição, as presentes no Rio têm sala de espera espaçosa onde se pode sentar, ouvindo uma excelente música, até a hora do primeiro rolo. A sala pioneira desse gênero inaugurou com esse evento e se tornou hábito, e agora as pessoas se recusam a ficar de pé do lado de fora esperando a hora

²⁵ Idem, p. 192.

chegar, ou chegar depois que o filme já começou. Com tanto espaço disponível retirado do auditório, os cinemas do Rio não são um negócio lucrativo, como os nossos [...].²⁶

Harriet lembra ainda que os turistas, em geral, fazem a pergunta : “O que posso comprar no Rio?, ao que responde: Algo característico do Brasil.” Assim, continua expondo que,

se você deseja ter um papagaio ou macaco, ambos estão à venda em um enorme mercado em frente à margem da água, com dezesseis miniaturas de ruas e 472 compartimentos. Com exceção do pequeno macaco marrom, do sabiá cantador que se origina dos morros no Rio, e os pássaros de crista escarlate vindos do Rio Grande do Sul, todos os outros animais e pássaros da costa do nordeste do Brasil podem ser adquiridos por menos em Pernambuco, no seu caminho para casa.

Chama a atenção para os diamantes brasileiros, que são provenientes do Estado de Minas Gerais, e também para outras pedras nativas de menor valor, como a ametista, topázio, água marinha e a turmalina em várias cores.

Harriet incentiva o estrangeiro a fazer “turismo” na cidade, dizendo que é fácil visitar (*sightseeing*) o Rio, onde “os automóveis não respeitam o limite de velocidade, podem ser alugados por dez mil réis a hora – aproximadamente U\$ 3, no câmbio atual. A carruagem puxada por um par de mulas custa menos”²⁷ e encerra declarando que visitou por duas vezes “essa encantadora terra brasileira” e que ambicionava voltar.

Antes e agora, no nosso caminho pela vida, encontramos homens e mulheres com individualidade fascinantes, que seguem nesse mundo distante dominando a cena. Por isso, o Rio de Janeiro é a cidade da atração, da sedução.

²⁶ Idem, p. 211.

²⁷ Idem, p. 211.

Até o esplendor das formas e cores alegrem os olhos, o Rio manter-se-á na primazia em beleza, entre os lugares habitados pelo homem.²⁸

Inspirador dessa forma, só poderia despertar também em nós um grande interesse pelo assunto. Trata-se de um olhar privilegiado, que soube, como poucos, enaltecer apenas o lado positivo de nossa cidade, numa época em que ainda não havia interesse do viajante estrangeiro em visitá-la.

1.2 As Narrativas de Viagem

Na década de 20, as transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro podem ser notadas pelas narrativas, que procuram dar a idéia, ao leitor, de uma cidade em expansão, com *tipos característicos*, marcantes, além de passar uma forte influência portuguesa. Não se pode esquecer, como nos ensina Celso Castro, que o processo de construção histórica e cultural desencadeia uma realidade que resulta no “estabelecimento de narrativas a respeito do interesse que a cidade tem como destinação turística”.²⁹

A narrativa de viagem, especificamente, permite várias possibilidades de análise a partir das descrições das cidades. Cada relato resulta de uma descoberta pessoal, através de uma experiência única: a viagem. A cada nova viagem, o estrangeiro descobre o local à sua maneira; com isso, cria uma história pessoal, que marca, no tempo, a sua visita. As narrativas de viagem afirmam um olhar que se imprime de fora, ou seja, a opinião do estrangeiro. Os diferentes tipos de relatos advêm de diferentes tipos de “escritores-viajantes” e também mudam com o tempo. Celso Castro observa que elas “antecipam o tipo de experiência que o turista deve ter e necessariamente envolvem seleções”.

É importante notar que, nas primeiras décadas do século XX, viajantes estrangeiros que publicaram textos sobre o Rio de Janeiro mostram o quanto o

²⁸ Idem, p. 210.

²⁹ Celso Castro, “A natureza turística do Rio de Janeiro”, p. 119.

Brasil era considerado exótico, distante e com características marcantes. Sobre o tema, Anlene de Souza assinala que:

A ampliação da estrutura para o atendimento da crescente demanda turística foi implementada a partir da década de 20, quando as excursões de turistas europeus e norte-americanos em busca do *exotismo* dos trópicos começaram a se tornar mais frequentes na cidade.³⁰

A imagem do Rio de Janeiro, assim, confunde-se e sobrepõe-se à imagem do próprio Brasil. Nesse período – com a transição entre o navio e o avião –, nossa cidade é o local turístico brasileiro por excelência, praticamente não existindo outras cidades ou locais concorrentes nesse aspecto, podendo-se dizer mesmo que se consolidava enquanto *estação turística*.³¹

Na década de 30, encontramos o olhar de dois célebres visitantes da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro, Claude Lévi-Strauss, traz uma impressão negativa que nos pareceu surpreendente. Em *Tristes trópicos*, declara que não encontrou em nossa cidade tudo aquilo que era “gabado”, parecendo-lhe a Baía de Guanabara, Pão de Açúcar e o Corcovado “raízes de dentes perdidas nos quatro cantos duma boca desdentada”.³²

O segundo, Stefan Zweig, ao contrário, registra em *Viagem ao Brasil e à Argentina*, todo seu espanto diante das belezas encontradas, “não podendo imaginar nada mais belo”. Reproduzimos fragmento de suas impressões:

É inesquecível esta primeira vista, eternamente vou tê-la em meus olhos. A imagem se modifica a cada ângulo, e de cada ângulo tem-se uma visão diferente da beleza – o Rio não tem só uma vista, como Nápoles, ele é bonito por todos os lados, olhando do alto das montanhas em direção ao mar ou vice-versa, e da praia ou de qualquer ponto de vista. A isso

³⁰ Anlene Souza, op. cit., p. 18.

³¹ Ibidem.

³² Strauss apud Celso Castro, op. cit., p. 85.

acrescentam-se as cores suaves e quase cantantes. Esta cidade realmente tem magia.³³

Conclui-se que, embora se reconheça a necessidade de se levarem em conta as narrativas para a elaboração da imagem turística da cidade, devem-se reconhecer também as individualidades que elas guardam, com suas conseqüentes distinções umas das outras. Como afirma Anlene de Souza, estes narradores, freqüentemente escritores-viajantes estrangeiros, se relacionam com a viagem e com a cidade segundo padrões socioculturais de sua época, registrando em seu texto algumas características que serão exploradas contemporaneamente pelo turismo. O prestígio dessas narrativas de viagem, entretanto, tendem a diminuir, na medida em que as práticas turísticas se tornam mais freqüentes.

1.3 Os Guias Turísticos

Já àquela época, existiam publicações, em forma de *guias*, voltadas para um público-alvo específico: o viajante estrangeiro interessado em conhecer nossa cidade.³⁴ Estes *manuals* sobre a cidade procuravam dar conta das diversas informações úteis a serem dadas aos visitantes. As informações visavam a dar uma idéia ao estrangeiro (leia-se *desconhecido*) de como era a cidade do Rio de Janeiro: história, cultura, hospedagem, roteiros e passeios nessa época.

Esses guias procuram mesmo é orientar o olhar do turista. Celso Castro assinala que, embora se reconheça o livre-arbítrio do turista na construção de sua narrativa sobre a cidade visitada, seu olhar é influenciado por tudo que leu, viu ou ouviu a respeito de determinada 'atração'.³⁵

A comparação entre as publicações é uma tentativa de se chegar a uma característica mais geral de construção de uma imagem do Rio de Janeiro,

³³ Stefan Zweig apud Celso Castro, op. cit., p. 85.

³⁴ Sempre que utilizamos a expressão "nossa cidade", estamos fazendo referência ao Rio de Janeiro.

³⁵ Celso Castro, op. cit., p. 84.

observando o tipo de olhar que a cidade atraía para si e como isso influenciou na forma de se *fazer representar*. A interpretação dos guias é uma forma de criar espaço de estudo dentro da concepção turística; assim, a reprodução dessa imagem, divulgada repetidamente em guias turísticos, se propaga e permanece.

A esse respeito, Celso Castro nos diz que

uma via de acesso ao processo de construção da natureza turística de um local nos é fornecida pelos guias de viagem e folhetos turísticos, que 'cristalizam' as narrativas e imagens do turismo em um determinado momento [...], os guias nos ajudam a perceber que a realidade turística de um local é permanentemente negociada. Há sempre a concorrência entre visões distintas a respeito daquilo que deve ser experimentado, e de que modo.³⁶

A construção cultural da natureza turística – a que nos referimos no início deste capítulo – também é possibilitada pelos folhetos turísticos (da mesma forma, pelos guias de viagem), pois, segundo Celso Castro, a narrativa sobre um lugar, a partir das imagens repetidas que lhe são associadas, vai propagando sua qualidade turística. Castro assinala que, “a partir de diferentes narrativas, cada viajante faz a sua própria, selecionando, manipulando e brincando com as imagens que lhe são oferecidas”.³⁷

Na revista utilizada como apoio deste trabalho, sua autora aponta uma imagem relativa à Avenida Rio Branco. Assim, relata que as calçadas, muito amplas, são de pedras brancas e pretas, formando um mosaico, como as que estão em voga em Lisboa. Ela conta, ainda, que foi abordada por um marinheiro americano, que ficou perdido na noite do Rio. Ele se aproximou e perguntou como voltar a uma 'rua com belos desenhos na calçada'. Da mesma forma, verificamos que, ainda hoje, temos a imagem do calçadão de Copacabana como marco da cidade.

³⁶ Celso Castro, op. cit., p. 80.

³⁷ Idem, p. 84.

1.4 A Questão da Capitalidade: a Metáfora do País

“Qual a roldana que, acionada na capital, faz aparecer no relógio do país como um todo um novo tempo? Sobre que eixo giram os ponteiros da capital e do país para que os minutos do Rio de Janeiro pareçam marcar as horas do Brasil?”

Margarida de Souza Neves

Essa centralidade, da qual nos fala Margarida de Souza Neves, no trecho acima, coincide, no plano nacional, com a importância *capital* que a cidade adquiria, não só como centro do poder político e administrativo (desde 1763), mas também pelo fato de ser um pólo de irradiação, para todo o território nacional, dos ideais de *civilização* e *modernidade*. Indiscutivelmente, naquela época, havia um intenso entusiasmo diante das reformas: “a simpatia pelas reformas, o elogio aos reformadores...”³⁸

Em 1920 – entendemos que, da mesma forma, ainda hoje –, a cidade do Rio de Janeiro funcionava como mostruário do país, uma *vitrine* do Brasil. No entanto, não deixava – como não deixa – de guardar características que são só suas e de mais nenhum lugar. Refletindo sobre esta questão, Anlene de Souza afirma:

Como um lugar privilegiado, a capital concentra o caráter nacional, e nela as informações são veiculadas como sendo representativas do país. Do ponto de vista internacional, a cidade funciona como um espaço de ressonância, a partir do qual o país pode ser vislumbrado.³⁹

Não devemos esquecer que se tratava de um período em que os ideais de progresso e liberalismo econômico, vivenciados através da importação da modernidade européia, estavam exacerbados em nosso país – como parte do

³⁸ Margarida Neves, “Brasil, acertai vossos ponteiros”.

³⁹ Anlene Souza, *op. cit.*, p. 47.

projeto da República – e tiveram lugar, num primeiro momento, no Rio de Janeiro.⁴⁰ Margarida de Souza Neves leciona que ser moderno naquele tempo representava “ser adepto das novas idéias e aberto às inovações em todos os campos da vida social”.⁴¹ A modernidade foi um período em que se tentava construir uma identidade nacional em todos os planos – literário, artístico, político etc. E essa construção da identidade perpassava a questão de sua capital ser o referencial para o país.

Assim, temos que vários textos então produzidos, segundo Margarida de Souza Neves, embora se refiram à cidade em particular, refletiam o país como um todo, “passando indistintamente da parte para o todo, e vice-versa”.⁴² Com efeito, a capital se identifica tanto com o país (será o sentido contrário?, o país seguindo os passos da capital?) que até os nomes dos locais garantem esse status nacional. Temos, por exemplo, o caso do periódico que começa a circular em 1891 no Rio de Janeiro, denominado *Jornal do Brasil*, o Museu Nacional de Belas Artes, o Observatório Nacional, a Academia Brasileira de Letras, a Biblioteca Nacional... Tudo, como nos diz Margarida Neves, a nos lembrar que se encontravam no *coração do Brasil*.⁴³

Concordamos com Margarida Neves quando observa que a “a definição de uma cidade enquanto capital não é um dado, mas uma construção”. Ora, essa autora nos remete a Giulio Carlo Argan, que conceitua “cidade-capital” como uma “forma urbana tipicamente moderna, uma representação monumental do que denomina a ideologia do poder, ou seja, trabalha com a idéia de que uma capital é sobretudo uma construção moderna e, de alguma maneira, uma alegoria do

⁴⁰ Margarida Neves acrescenta que o Rio de Janeiro era o espaço da concretização das novidades no tempo: “O Rio de Janeiro, palco e capital da ordem e do progresso que resumem a utopia dos homens que então davam forma e direção ao ‘novo’” (op. cit., p. 54).

⁴¹ Idem, p. 67.

⁴² Idem, p. 55.

⁴³ Digno de nota que, como nos diz Celso Castro, com quem concordamos plenamente, “o peso histórico de ter sido por dois séculos capital da nação ainda sobrevive, e a cidade permanece sendo o ‘coração’ do Brasil”, como, aliás, é cantado no hino *Cidade Maravilhosa*.

“ poder ”⁴⁴ (grifo ora apostro), representante, na verdade, de um projeto nacional e imagem do Estado, além de instrumento de seu poderio.

Angel Rama traduz essa idéia do Rio de Janeiro como cidade-capital da seguinte forma:

As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o viajante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem. Há um labirinto das ruas que só a ventura pessoal pode penetrar e um labirinto de signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem.⁴⁵

Instrumento de poderio porque a reconstrução física e ideológica do Rio de Janeiro guarda a função de legitimar para o país e para o mundo a República Velha, trazendo, segundo Margarida Neves, o “ discurso do novo ”.

Para finalizar, retomamos a revista, onde a idéia da “ capitalidade ” também se apresenta:

D. Pedro II é o maior nome do Brasil. Foi ele que liderou o seu país a participar da ligação entre as grandes nações. Suas características predominantes eram sabedoria e bondade. Era um imperador inteiramente acessível à humildade de seus súditos. Existe muito sobre ele pela cidade do Rio, onde ele viveu por tantos anos, e está fortemente associada a seu reinado, que só terminou outro dia desses – como contamos na história –, em 1889. O brasão da Casa de Bragança pode ser visto em vários prédios; em ruas com nomes como *Marquês de São Vicente*, *Barão de Petrópolis*, *Visconde de Maranguape*, e nos leva a perceber que há poucos anos o Rio era a morada da realeza (grifo nosso).⁴⁶

⁴⁴ Giulio Argan apud Margarida Neves, op. cit., p. 58.

⁴⁵ Angel Rama apud Margarida Neves, op. cit., p. 59.

⁴⁶ *The National Geographic Magazine*, p. 201.

1.5 Periodização sucinta do turismo no Rio de Janeiro

Como nosso pano de fundo é o turismo no Rio de Janeiro, não podíamos deixar de lado uma breve apresentação de sua periodização. Celso Castro traça uma cronologia em três fases : "1) da década de 1920 até a Segunda Guerra Mundial;⁴⁷ 2) do fim da Segunda Guerra Mundial até meados da década de 1970; 3) de meados da década de 1970 até hoje."⁴⁸

Na primeira fase, destaca o fato de o Rio de Janeiro começar a se inserir, embora, como ele afirma, "de forma periférica", no universo turístico internacional, em razão do desenvolvimento acentuado da infra-estrutura voltada a esse fim, como, por exemplo, a inauguração do Hotel Copacabana Palace (1923) e a fundação da Sociedade Brasileira de Turismo (1923) – esta, mais tarde, tornar-se-ia o Touring Club do Brasil.

Em 1932, registramos que têm início os primeiros desfiles de carnaval, o que contribui, e muito, para a vinda de turistas estrangeiros (fato que se constata até os dias atuais). Segundo Celso Castro, esta festa "passa ao primeiro plano". Ainda nesta fase, uma viagem ao Rio de Janeiro, como assinala Anlene de Souza, "encontra-se no campo de significações do exotismo, onde a imagem da cidade confunde-se ou sobrepõe-se à imagem do próprio Brasil".⁴⁹

Na segunda fase, tem relevância o fato de que o Rio de Janeiro continua sendo visto como "espelho do Brasil" e principal atração turística do país, além do que temos viagens aéreas no lugar de marítimas (a partir de 1927), o que imprime um aumento significativo do turismo, tendo em vista que o avião diminuía sensivelmente o tempo de viagem. Em 1960, quando o Rio de Janeiro deixa de ser

⁴⁷ Necessário remeter à revista que nos inspirou neste trabalho, que data de 1920.

⁴⁸ Celso Castro, "A Natureza Turística do Rio de Janeiro", p. 119.

⁴⁹ Anlene de Souza, op. cit., p. 18.

capital, resta ainda, segundo esse autor, o “peso histórico de ter sido por dois séculos”.⁵⁰

A terceira fase tem início com o temor de que o Rio de Janeiro perca eficácia enquanto *síntese do Brasil*, ao lado de uma série de fenômenos sociais, tais como favelização intensa, violência, desorganização urbana, entre outros. Dessa forma, a partir da década de 90, houve uma espécie de colapso do turismo na cidade. Ainda assim, podemos dizer que a cidade não perdeu seu encanto. Hoje, a natureza ainda encanta e deslumbra o estrangeiro e, se temos uma imagem forte de violência que retrata a cidade de hoje, também temos a natureza exuberante, o carnaval, as belas mulheres, a música, a gastronomia e o carioca, tudo a encantar os estrangeiros.

⁵⁰ Celso Castro, op. cit., p. 123.

CAPÍTULO 2

A Atração Exercida pela Natureza Exuberante da Cidade

“O Brasil, dentro da natureza como dentro de um sonho, palpitava e floria”.

Luís Edmundo

A presença da natureza exuberante se consagra como a marca da cidade do Rio de Janeiro, afirmando o exotismo tropical, tudo isso emoldurado pelos belos jardins e casarões franceses. Como nos relata Anlene de Souza, “no Rio, a arquitetura da cidade não se impõe como obra humana: é a natureza que se apresenta como construção sólida. Todo esforço do homem se perde na imensidão desta paisagem indomesticável do Novo Mundo”.⁵¹

Dessa época, temos um registro sistemático da paisagem do Rio de Janeiro, eis que há um imenso legado iconográfico, principalmente por parte dos viajantes que por aqui passaram.⁵²

A vinda ao Rio de Janeiro, na verdade, parecia traduzir um desejo de o estrangeiro se apropriar de sua imagem, construída a partir de suas belezas naturais, que, exaltadas a todo instante, são trazidas por Anlene de Souza na seguinte transcrição:

A beleza do Rio de Janeiro representa o elo fundamental de união entre a riqueza da natureza exuberante da nação e o progresso da civilização moderna. E o Rio sabe, como nenhuma outra cidade do mundo, equilibrar progresso e natureza.⁵³

⁵¹ Anlene Souza, “O Estrangeiro e a Cidade: o Rio de Janeiro e o Imaginário da Viagem na Primeira Metade do Século XX”.

⁵² PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. *A paisagem carioca*. Rio de Janeiro, 2000. Catálogo. Organização da Exposição.

⁵³ Anlene Souza, *op. cit.*, p. 13.

2.1 A Questão da Inversão dos Mapas

Celso Castro nos relata, em seu artigo “Narrativas e Imagens do Turismo no Rio de Janeiro”,⁵⁴ seu estranhamento ao abrir um mapa turístico da cidade em 1937.

Assinala o autor que a cidade parecia “errada”, pois, enquanto, na atualidade, tem-se a visualização da cidade a partir da Zona Sul, naquele o ponto de partida era o Centro da cidade. Acrescenta que também havia pontos turísticos ali relacionados muito diversos dos atuais, o que nos mostra a construção cultural de então: monumentos, estátuas e construções, especialmente localizados no Centro.

Assim, o turista – a partir dos guias turísticos da época – tinha seu olhar voltado para a Baía de Guanabara. Dessa forma, em *Rio de Janeiro e seus arredores*⁵⁵ – um guia sobre nossa cidade, publicado em 1928, pela Sociedade Anônima de Viagens Internacionais –, há a descrição de nossa cidade a partir do porto (por onde os navios traziam os visitantes à cidade). Tal guia destaca os jardins, com os monumentos, estátuas, bustos e chafarizes, sem deixar de citar bairros como São Cristóvão, Vila Isabel, Tijuca (inclusive a Floresta da Tijuca), Rio Comprido, Botafogo, Santa Tereza, entre outros.

Se fizemos uma comparação entre os mapas traçados do Rio de hoje com aqueles do passado, verificamos uma verdadeira inversão: onde antes havia praças, atualmente vêem-se praias; o foco no Centro é deslocado para a Zona Sul. Vista do alto, Harriet, na revista, descreve:

Olhando em direção ao oceano protegido, se vê a cadeia montanhosa em granito subindo e desviando do mar. Lá está a volumosa Babilônia, e a Gávea com seu topo plano parecendo à vela de uma grande embarcação inflada. Entre esses morros, surgem as praias do subúrbio: Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon - que brilham em seqüência como vilarejos claros aninhados

⁵⁴ Celso Castro, op. cit., p. 82.

⁵⁵ Apud Celso Castro, op. cit., p. 90.

entre o morro e o mar. A Avenida Atlântica, que os comunica, só se compara aos Boulevards presentes no Mediterrâneo. Podemos dirigir da cidade até essas praias e depois por dentro da Gávea, através da estrada nova cortada bem no alto da rocha, acima do nível do mar. Continua subindo, por cima das montanhas que dividem os outros bairros, como a Tijuca, e descendo a cadeia montanhosa pelo outro lado, da baía e retornando ao nosso lugar inicial de partida - o centro.⁵⁶

Ou ainda:

Eu tenho um mapa do Rio, impresso em 1808, mostrando como a cidade se apresentava quando D. João chegou aqui. Era um emaranhado confuso de ruas estreitas que pareciam formar um labirinto, iluminadas à noite, com lanternas de sebo suspensas sobre a presença de um povo animado e vivaz. De qualquer modo, a riqueza se encontrava dentro das igrejas, conventos, hospitais, quartel, o teatro e dezenove parques públicos. O antigo palácio ocupado pelos governadores da colônia passou a ser a residência oficial do rei, posteriormente de seus sucessores e, por ocasião da reportagem, dos correios e telégrafos.⁵⁷

O guia inglês *South American Handbook*,⁵⁸ em sua edição de 1932, informa que a Baía, com seu “soberbo brilho de cores”, é a mais admirada do mundo, e que o famoso cone de granito do Pão de Açúcar e o pico do Corcovado emprestam forte individualidade à cena. A chegada ao porto do Rio era “um espetáculo sem igual, quer fosse de dia ou à noite”.

Utilizando os guias turísticos, Celso Castro percebe que a natureza turística de um local é fruto de uma construção cultural que se modifica com o tempo, valendo ressaltar que há uma constante negociação das imagens que são produzidas. Assim, estabelece uma narrativa sobre a “atração” a ser visitada, criando adjetivos a “pontos turísticos” e antecipando o tipo de experiência que o turista deve ter.⁵⁹

⁵⁶ *The National Geographic Magazine*, p. 191.

⁵⁷ *Idem*, p. 201.

⁵⁸ Apud Celso Castro, *op. cit.*, p. 91.

⁵⁹ Celso Castro, “Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro”, pp. 83-4

2.2 Principais Atrativos: o Corcovado e o Pão de Açúcar

“Tenho sido freqüentemente abordada por viajantes, cujos navios param somente um dia no Rio: ‘De que excursão devemos participar?’ A escolha é entre Corcovado e Pão de Açúcar. Ambos os picos são de fácil acesso e com vistas incomparavelmente grande” .

Harriet Chalmers Adams

Se o turista tivesse de escolher, aonde ir em 1920, Corcovado ou Pão de Açúcar? Devemos dizer que isso ficava bem ao “gosto do freguês”. Ambos os lugares tinham seu glamour.

No início do século XX, os morros do Corcovado e Pão de Açúcar – que, desde o século XIX, já apareciam como figuras importantes nos quadros a óleo e em fotografias – destacam-se como atrações a serem visitadas. Mais do que entradas para o Rio de Janeiro, representavam a porta de entrada para a América Latina.

A construção do monumento ao Cristo Redentor, a seu turno, representou autêntica reação da Igreja diante dos conturbados acontecimentos daquela época, marcada por várias rebeliões militares em todo o país, que reagiam então à grave crise econômica e política instalada. Trata-se de uma afirmação de fé do povo carioca e brasileiro, representando importante etapa no esforço da Igreja Católica brasileira na recuperação de seu prestígio do tempo monárquico, abalado pela República positivista.

O Pão de Açúcar também retrata a questão da modernidade em nossa cidade. Ao lado de alguns planos de melhoramento da cidade, tais como saneamento e higiene, além da reforma urbana idealizada pelo então prefeito Pereira Passos, inscreve-se o projeto do Pão de Açúcar (1908/1912). Renata Augusta dos Santos Silva assinala que:

No início do século XX, o conceito de modernização sugeria uma modernização das idéias, uma ousadia de projetos, e nada mais ousado do que um carrinho deslizando sobre cabos de aço a uma altura de 395m indo em direção ao Pão de Açúcar, ainda hoje impressionante. O caminho aéreo seria, dessa forma, *um símbolo dessa modernização* (grifos nossos).⁶⁰

Portanto, a execução desse projeto (obra de tamanha magnitude, diretamente ligada ao progresso da nação) situava o Brasil ao lado dos grandes países europeus, caminhando “a passos largos na utilização das máquinas e da tecnologia, frutos de uma industrialização de base solidificada”.⁶¹ Na época, havia, no mundo todo, somente mais dois de seu porte: o de Monte Ulis, na Espanha (1907) e o de Wellerhorn, na Suíça (1908).

Também sob o ponto de vista geológico, o Pão de Açúcar tem sua história: trata-se de uma rocha primitiva que emergiu do magma, anterior à história do homem, podendo-se mesmo considerá-lo como um marco da formação terrestre do planeta. Renata Silva vai além e nos diz que, a partir de vasta documentação da época, pode-se mesmo considerá-lo como “marco natural da cidade” ou “marco de fundação da cidade”.⁶² Constituiu-se, assim, desde muito como uma referência ao estrangeiro, podendo-se facilmente observar a apropriação de sua imagem como espaço-fundador. Segundo Renata Silva, “não somente marcava a História da Terra, mas principalmente para o Brasil e para o Rio de Janeiro marcava a sua fundação, sua semente geradora”.⁶³ Trata-se, pois, de uma obra que, além de pertencer à natureza, tem status de pertencimento social.

Harriet, na revista, compara as duas montanhas mais famosas do Rio:

⁶⁰ Renata Augusta dos Santos Silva, “O gigante e a máquina”, pp. 52-3.

⁶¹ Idem, p. 53.

⁶² Idem, p. 46. A esse respeito, Renata Silva traz a citação de uma carta de Padre José de Anchieta (1565), em que o mesmo diz que: “[...] junto a um pico de pedra muito alto, de feição de um pão de açúcar que domina a floresta virgem e o capoeirão onde Estácio de Sá assentou o seu arraial [...]”.

⁶³ Idem, p. 47.

O Corcovado (corcunda) é alcançado por um vagão de trem, que se move num sistema elétrico através de uma engrenagem dentada. Percorrendo uma trajetória de degraus, chega-se ao topo, em um pavilhão coberto. A altitude é só um pouco mais de 700 metros; mais uma vez, a vista é muito mais impressionante do que a que vi no Peru, após uma subida árdua de 5 mil metros acima do nível do mar [...].

O Pão de Açúcar parece um leão agachado. O gigante monolítico é muito mais majestoso que o seu nome. Na Praia Vermelha, pode-se pegar o bondinho aéreo, que leva ao topo da montanha. Na primeira etapa, chega-se à colina inferior, a Urca, onde há um parque e restaurante. O segundo e mais longo vôo te leva sobre a floresta, em uma sensação de estar voando em um balão. Subindo, acompanha-se a margem em torno à grande rocha, no alto do pico. Um gigantesco empreendimento, a construção desse caminho aéreo!⁶⁴

Verificamos que o Corcovado e o Pão de Açúcar, já nessa época, representavam o Rio de Janeiro, assim como a cidade já se fazia representar por esses símbolos. A mistura de imagens não cria confusão no imaginário universal; ao contrário, confirma e diferencia a cidade das outras.

⁶⁴ *The National Geographic Magazine*, pp. 209-10.

Capítulo 3

O Povo Carioca

" O carioca está sempre disposto a compartilhar com o turista seu tradicional botequim".

Celso Castro

" Carioca se pronuncia 'Kar-e-awk'-ah'. É uma palavra indígena para definir 'descendentes de branco', em contraste com a mistura entre índios, africanos e europeus. Desse modo, os 'cariocas' representam a aristocracia do Rio".

Harriet Chalmers Adams

Dentre as atrações que o Rio de Janeiro apresenta a seus turistas, uma tem lugar especial: o habitante da cidade. O carioca, com sua ginga, seu jeito de viver, sua alegria, sua descontração, sua comunicabilidade, sua sensualidade. A beleza e o charme de suas mulheres também atraem os turistas, principalmente os estrangeiros.

O carioca, como habitante do Rio de Janeiro, é o símbolo de nossa nação; uma das facetas como se reconhece o Brasil. Via de regra, ele aparece associado a uma imagem de sensualidade e de bem-viver. Ser alegre, descontraído, cheio de malandragem e bossa, sambista e desfrutador de uma natureza privilegiada à beira-mar... Mas indagamos: desde quando o carioca tem essa imagem?

Segundo Regina Abreu,⁶⁵ a imagem do carioca vem sendo inventada há cinco séculos, admitindo uma pluralidade de significados que variam de acordo com as circunstâncias de cada época enfocada. Segundo essa autora, antes da versão atual, a imagem do carioca teria passado por três versões:

⁶⁵ Regina Abreu, "A Capital Contaminada – a Construção da Identidade Nacional pela **Negação do Espírito Carioca**", pp. 167-185.

na versão do período da fundação da cidade, o carioca era visto, pelos indígenas, como um estrangeiro, um estranho no meio, o homem branco que habitava o território indígena;

no período correspondente à segunda metade do século XVIII e o século XIX, o carioca era tido como um privilegiado por morar na cidade do monarca, por estar próximo da Corte e da família real, participar de uma vida social e cultural mais vibrante e usufruir dos confortos modernos e requintes da elite europeia trazidos pela Corte;

no início do período republicano, a cidade do Rio de Janeiro não tinha uma boa imagem, era vista como uma cidade urbanisticamente decadente e caótica e o carioca, contaminado por essa imagem, era tido como indolente e vagabundo.

Na primeira versão, de acordo com os historiadores e cronistas da cidade do Rio de Janeiro, a palavra *carioca* começou a ser usada um pouco depois da fundação da cidade, pelos índios Tamoios que habitavam a região, para designar as construções feitas pelos colonizadores na Praia Vermelha. Posteriormente, os moradores dessas construções passaram a ser chamados de *cariocas* e, com o tempo, a palavra passou a designar todos os colonizadores, todos aqueles que não eram nativos.

Como observou Gastão Cruis,⁶⁶ a palavra *carioca* acabou sendo adotada pelos colonizadores e adquiriu um significado cada vez mais amplo. O riacho que desaguava na região passou a ser designado *carioca*; depois, sua rede fluvial e as serras que abrigavam sua nascente e, finalmente, todos os habitantes da região.

⁶⁶ Cruis apud Regina Abreu, op. cit.

No período entre a segunda metade do século XVIII até o final do século XIX, o Rio de Janeiro adquiriu grande importância econômica devido a seu porto ter-se tornado o escoadouro da maior riqueza da colônia, o ouro das Minas Gerais.

Em 1763, a capital do Brasil foi transferida da cidade de Salvador para a do Rio de Janeiro, iniciando a aproximação dos habitantes da cidade com o poder central da colônia. Em 1808, a Corte portuguesa, para fugir ao bloqueio continental imposto por Napoleão, transferiu-se para o Rio de Janeiro, mudando completamente a vida econômica, social e cultural da cidade. Já em 1815, a capitania do Rio de Janeiro foi transformada em província, a única do Brasil, o que só ocorreu com as demais capitanias em 1821.

Todos esses fatos contribuíram para que o carioca fosse considerado um ser privilegiado, por estar tão próximo do monarca, das benesses da Corte e do padrão de vida e dos hábitos da sociedade européia. Os cariocas irradiavam para as demais regiões do Brasil a moda e os costumes mais requintados, que eram trazidos de além-mar diretamente para sua cidade. O Rio de Janeiro era o centro cultural e político do Brasil. Nosso imperador, que era amante das artes, trazia da Europa para nossa cidade artistas, cientistas, intelectuais e homens letrados.

Era no Rio de Janeiro, com a participação dos cariocas, que aconteciam os grandes bailes, saraus e apresentações artísticas; o local dos centros culturais e científicos; e também onde se situava a classe política brasileira.

Essas condições atraíam brasileiros de outras regiões. Segundo Regina Abreu, esses migrantes – que a partir do início do século de XIX vinham morar no Rio de Janeiro em busca da proximidade do poder ou da cidade que era o centro de desenvolvimento do país –, apesar de morarem aqui, não se sentiam cariocas: na verdade, cariocas eram aqueles que já moravam aqui há mais tempo.

No final do século XIX, os políticos e intelectuais envolvidos com o movimento republicano e com a oposição ao Império passaram a contestar a

sociedade carioca, que, segundo eles, estava deveras impregnada com o espírito da Corte, que funcionava à base de nepotismo, *pistolões* e *panelinhas*.

À tensão política existente no período pré-republicano, juntava-se a tensão causada pelo grande número de antigos escravos, os quais, beneficiados pela abolição da escravatura, saíam das fazendas e vinham morar no Rio de Janeiro. Para a elite, essa massa de escravos, com seus costumes considerados primitivos – tais como o candomblé, os batuques e a capoeira –, representavam um perigo potencial para a sociedade. Segundo os mais afortunados, era uma barbárie que precisava ser *controlada* e *civilizada*.

Nessa época, os brasileiros que viviam no interior consideravam que ser carioca correspondia a ser mestiço, indolente e preguiçoso. A proximidade da Corte – que, antes, era vista como privilégio – agora era considerada como uma das causas de deturpação da sociedade carioca, por toda a carga de corrupção, nepotismo e usurpação do dinheiro público propiciada pela monarquia.

Por outro lado, as posições hegemônicas mantidas pelo Rio de Janeiro na cultura, na política e na economia começaram a ser afetadas com o surgimento das oligarquias paulistas e mineiras. Nesse período, a intelectualidade nacional desencadeia um movimento de confrontação dos hábitos do interior com os da sociedade carioca. O interior do Brasil é descoberto e são valorizados seus costumes, suas riquezas naturais, com sua flora e fauna exuberantes.

Havia uma visão negativa da cidade do Rio de Janeiro, não só por parte dos brasileiros que moravam no interior, como também pelas elites da própria cidade, que viam sua população formada basicamente por homens bárbaros e mestiços, resultado de uma mistura infeliz: de um lado, o português vagabundo, acostumado às benesses da Corte; do outro, o negro, visto como deficiente intelectual, *quase um animal*. A concentração urbana desordenada tornou a cidade suja, um verdadeiro foco de doenças.

A elite da sociedade carioca – rigidamente preconceituosa e moralista, além de muito influenciada pelos ares vitorianos, que vinham da Europa – julgava a cidade como um antro de perdição, em decorrência dos hábitos promíscuos difundidos pelos mestiços para toda a sociedade. Com isso, surgia um movimento que reivindicaria a transferência dos mestiços do centro da cidade, local de moradia da elite carioca. Uma das possibilidades aventadas e bastante discutida na época era a de atrair estrangeiros com costumes mais civilizados para viver aqui, a fim de aprimorar racialmente a população e seus costumes.

A partir dessa pressão, iniciou-se um grande movimento de modernização e transformação urbana, como antídoto à perigosa contaminação provocada sobretudo pelos mulatos da capital. O prefeito Pereira Passos transformou a cidade num canteiro de obras, a fim de torná-la uma verdadeira capital européia. O Rio de Janeiro tornava-se a *cidade maravilhosa*, com suas belezas naturais e também com as maravilhas arquitetônicas e urbanas encontradas nas metrópoles mais modernas da civilização ocidental.

Só a partir da década de 30, o carioca passa a ser visto com simpatia e, por ironia, os fatores mais valorizados eram os trazidos pelos escravos: a alegria, a musicalidade e a beleza mulata. O sincretismo racial e cultural do negro com o português, que depreciava os habitantes do Rio de Janeiro nas décadas anteriores, é agora fator de atração turística. O malandro carioca, simpático, alegre, de “bem com a vida”, passa a representar – junto com o samba, a capoeira e a feijoada – um dos símbolos de brasilidade. O malandro carioca e a mulata desabrocham de uma cultura popular perseguida e desqualificada e se tornam, além de produtos genuinamente nacionais, um dos principais ícones do turismo brasileiro.

Uma das evidências do encanto do malandro carioca é a criação do personagem *Zé Carioca*, de Walt Disney, um malandro simpático e alegre, que resolve suas situações com muita habilidade, utilizando o “jeitinho brasileiro”.

De todo o exposto,⁶⁷ verifica-se que o carioca possui vários atributos, como assinala Antonio Bulhões, dizendo-nos que:

[...] o carioca é tolerante: ele sabe que sua liberdade acaba onde começa a do próximo; é realista: ele sabe que, por mais poderoso que seja o time de seu coração, de repente pode perder para o zebra rival e cair de divisão; é sentimental: ele sabe que, assim como em ciência o método indutivo é que leva a alguma coisa, na vida simpatia é quase amor. [...] Ele sabe que não pode confiar inteiramente em governo, o que o situa, em princípio, na oposição; é antidogmático: ele sabe que a unanimidade é estúpida, prefere a controvérsia; é sincero: ele sabe que mais depressa se pega um mentiroso que um coxo.

Remetemos a Anlene de Souza, quando nos diz que nosso comportamento é marcado por “ausência de pressa, hospitalidade e boas maneiras, [...] traços marcantes desta sociedade na qual a cortesia parece fazer parte do sangue”.⁶⁸

Para finalizar, retomando uma das epígrafes que usamos neste capítulo, lembramos que Harriet Adams considerava os ‘cariocas’ representantes da elite do país. No entanto, ao contrário de registrar as imagens dessa elite, observamos que a autora optou por fotografar cariocas “comuns”, tais como vendedores de tamancos, de galinhas e patos vivos, de palmitos, de vassouras ou tranças de cebola; varredores de jardins, vendedores de doces em carrocinhas, além de crianças ricas e pobres nas calçadas.

⁶⁷ Antonio Bulhões, *Diário da cidade amada*.

⁶⁸ Anlene Souza, *op. cit.*, p. 11.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente monografia, tentamos demonstrar que, já no início do século XX, havia interesse em interpretar o Rio de Janeiro como lugar representativo de nosso país, a partir de algumas imagens. Refletindo sobre essas imagens, observamos que, daquele momento até a atualidade, é como se cada “guia” procurasse acrescentar – sem desfazer das construções anteriores – novos detalhes, lançando, cada um deles, um olhar diferenciado para tentar explicar a cidade. Assim, as descrições e recomendações descritas nos “guias” nos indicam que as referências vão, repetidamente, se confirmando, criando uma “imagem geral”, utilizada até hoje pelas agências publicitárias.

Ao longo deste trabalho, examinamos a questão da capitalidade do Rio de Janeiro e constatamos que, ainda hoje, esta condição lhe é atribuída – mesmo não sendo mais a capital federal –, sendo considerada como a porta de entrada do país, atraindo interesse pelas características exóticas e tropicais que apresenta. Tudo aqui é exuberante, a natureza não poupou esforços nesta terra... Ou, como já ouvi em minhas *incursões* pela cidade: “Tudo aqui é grande!!”.

Acrescentamos que, hoje, a divulgação turística do Rio ainda é baseada em sol, praias, música, samba, carnaval, futebol – Maracanã –, espontaneidade e vida informal, e também boa comida. Além disso, atualmente, no turismo, pode-se constatar a inclusão de grupos que antes eram marginalizados na sociedade. Assim, em função de minha experiência como guia de turismo, observo que temos mais elementos que atraem o turista, como, por exemplo, a ida a favelas, visitas a centros de umbanda, o Centro de Cultura Nordestina, ensaios de Carnaval na periferia, programas direcionados a afrodescendentes (Centro Cultural Pretos Novos, na Gamboa), entre outros.

Também o povo carioca colaborou na construção dessa *destinação turística*. Hospitaleiro, simpático e espontâneo, criou fama lá fora, atraindo vários estrangeiros para conhecer, além do malandro carioca, as belezas da mulher

carioca, tão cantada em prosa e verso. Não é demais lembrar que a ela foi dedicada a música *Garota de Ipanema*, que a tornou célebre em terras distantes...

Desde muito tempo somos alvo de curiosidade e motivo de descobertas. Esperamos que, daqui para a frente, uma política voltada a esse mercado recupere para o Rio de Janeiro um olhar todo positivo – tal qual o de Harriet Adams –, repleto de deslumbramentos, e que possamos nos esquecer um pouco da violência do dia-a-dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"Guias" de Turismo

The National Geographic Magazine. Washington, setembro de 1920, v. XXXVIII, n° 3.

AENISHÄNSLIN, Carlos (org.). *Rio de Janeiro – Central Monumental*. Registrado Art. Grav. A. TRÜB & Cia, AARAU (SUISSA), 1915.

CARVALHO, Delgado de. *Chorographia do Districto Federal*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

MAGALHÃES, Symphronio. *Metrópole da beleza, encantos e atrações do Rio*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1937.

SOARES, Amandio (org.). *O Rio maravilhoso. Collectanea litteraria e turistica da cidade d'orio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Porgetti, 1936.

Outros textos:

ABREU, Regina. "A capital contaminada – a construção da identidade nacional pela negação do espírito carioca". In: LOPES, Antonio Herculano. *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/Topbooks, 2000.

BOYER, Marc. *História do turismo de massa*. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC/EDUFBA, 2003.

BULHÕES, Antonio. *Diário da cidade amada. Rio de Janeiro, 1922*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, v. 1.

CASTRO, Celso. "A Natureza Turística do Rio de Janeiro". In: BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro e BARRETTO, Margarita (orgs.). *Turismo e identidade local*. Campinas: Papyrus, 2001.

_____. "Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro". In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CRUZ, Rita de Cássia. *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto, 2000.

ERMAKOFF, George. *Rio de Janeiro: 1900-1930. Uma crônica fotográfica*. Rio de Janeiro: Ermakoff Casa Editorial, 2003.

KNAUSS, Paulo (org.). *Cidade vaidosa. Imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1999.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo*. São Paulo: Aleph, 2001.

MORAES, Eduardo Jardim de. "Modernismo Revisitado". In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, 1988, v. 1.

NASH, Dennison. *Anthropology of Tourism*. Nova York: Pergamon, 1996.

NEVES, Margarida de Souza. "Brasil, acertai vossos ponteiros". In: Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro: MAST, 1991.

NOVAIS, Fernando (org.). *História da vida privada no Brasil*. 5. reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1998, v. 3.

PIRES, Mário Jorge. *Raízes do turismo no Brasil. Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Manole, 2001.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. *A paisagem carioca*. Rio de Janeiro, 2000. Catálogo. Organização da Exposição.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. *Turismo e espaço*. São Paulo: HUCITEC, 2001.

RUBINSTEIN, Mauro e BLANDINA, Miriam. *O cristo do Rio*. Rio de Janeiro: Mauro Rubinstein, 1999.

SOUZA, Anlene de. *O estrangeiro e a cidade*. Rio de Janeiro: PUC, 1995. Dissertação de mestrado.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.